Acilis

Paulo Marques, Joaquim Paulo Conceição, Carlos Fiolhais (moderador) e Paulo Pedroso

Talento português transferido a custo zero para outros mercados

Desperdício A formação universitária de cada jovem custa entre 100 e 120 mil euros, mas este investimento da sociedade portuguesa está a ser aproveitado, em grande parte, por mercados internacionais

Carlos Ferreira

A formação académica dos jovens quase duplicou em duas décadas, mas a capacidade das empresas para os absorver ficou muito abaixo. Por isso, uma fatia importante da chamada "geração mais qualificada de sempre" está a ser "transferida para o estrangeiro a custo zero".

Neste momento, assiste-se a uma "emigração de qualificações médias e superiores, muito acima de 60%, e a uma imigração de baixas qualificações, reflexo da estrutura de salários e das fontes de aprovisionamento de mão de obra em Portugal", explicou, durante uma conferência realizada em Leiria, o ex-ministro da Educação e professor na Universidade Nova, David Justino. "A imigração é absolutamente necessária", ressalvou, mas "enquanto as políticas de imigração assentarem no perfil atual, o país terá baixos salários".

O ex-ministro da educação, que falava nas jornadas das Confederação do Comércio e Serviços de Portugal (CCP), explicou que Portugal "tem pessoas cada vez mais qualificadas, mas com ganhos salariais menores. Em 2000 diplomaram-se 54 mil pessoas e em 2022 o número subiu para 92 mil".

Para se perceber o problema, fez uma analogia com o futebol. À emigração de talento "pode-se aplicar o princípio do mercado de transferências, mas a custo zero. Ou seja, o país investiu na qualificação dos seus ativos – cada jovem que sai da universidade custa em média entre 100 a 120 mil euros - e esse investimento da sociedade portuguesa é ganho para outros". No ano passado registaram-se 30.954 emigrantes permanentes, 14.716 dos quais com menos de 29 anos.

Na perspetiva do coordenador do Observatório do Emprego Jovem, Paulo Marques, "houve a ideia um pouco naïf de que quando as pessoas com mais formação chegassem às empresas as tornariam mais intensivas em conhecimento. Mas isso é ignorar outros fatores".

As qualificações aumentaram, mas a economia não se modernizou a igual ritmo. "A dimensão das empresas, os sectores em que intervêm, a sua capacidade inovadora e de competir nos mercados internacionais", são razões apontadas por Paulo Marques. Mas há outra agravante: "a solução encontrada para resolver os problemas do mercado de trabalho", na sequência da crise 2007-2012, "passou muito pela expansão de sectores que não absorvem a mão de obra cada vez mais qualificada".

Na sua intervenção nas jornadas da CCP, subordinadas ao tema "Comércio e serviços e competitividade económica", na terça-feira, dia 26 de setembro, o coordenador do Observatório do Emprego Jovem destacou que a sobrequalificação [pessoas com qualificações acima da norma da profissão] "abrange 15% dos jovens com o ensino superior e 8/9% dos adultos e tem vindo a aumentar. Aqueles que perderam mais salário em termos reais têm o nível de licenciatura".

Por outro lado, "em Portugal há alguma desvalorização do ensino profissional e os empregadores têm um papel importante numa mudança. É óbvio que no ensino profissional ligado às empresas a transição para o mercado de trabalho é mais fácil", adiantou Paulo Marques.

"O talento é muito, mas está a gerar riqueza fora de Portugal, emigra - a transferência a custo zero", começou por constatar o CEO do Grupo NOV e membro dos órgãos sociais da Leiria Businness School, Joaquim Paulo Conceição, considerando necessário "repensar a forma construir talento".

Na sua opinião, "a escola não pode produzir apenas qualificação. Esta está a crescer, mas não resulta em crescimento da economia. Por isso, é preciso alargar este conceito e criar competências". Pois "é na interseção do saber e do saber-fazer que se constroem quadros para gerir empresas que venham a criar valor e a romper este ciclo vicioso que impede o crescimento dos salários, dependentes da produtividade".

"Os programas dos cursos não podem ficar cristalizados, com os mesmos planos cinco anos seguidos. Nós precisamos de estar capacitados para mudar sistematicamente e de formação à medida das necessidades das empresas", considera CEO do Grupo NOV, criticando "os pacotes pensados por terceiros para massificar e que a formação à medida ainda não seja suficientemente incentivada". "A formação direcionada para as necessidades específicas é a mais impactante na geração de riqueza, com o aumento da produtividade, e não a pensada na generalidade para todos", acentuou.

O antigo ministro do Trabalho e da Solidariedade e professor no ISCTE, Paulo Pedroso, também constatou que "o país andou em passo de corrida acelerado nas qualificações, mas a economia não foi capaz de absorver este saldo qualificado". "E a verdade é que nas últimas décadas houve tanta afluência de capital para investir em recursos humanos como em modernização produtiva", destacou.

Para este contexto contribuiu uma dimensão externa, "como a entrada no Euro, da China na Organização Mundial de Comércio ou a globalização". Mas, como também referiu Paulo Pedroso "há um reduzido stock de capital por posto de trabalho em Portugal. Nós temos investido menos que muitos dos nossos parceiros. E, em cima disso, o investimento na última década não andou brilhante".

Na opinião do ex-ministro Trabalho e da Solidariedade, Portugal "tem de desviar-se da pressão do discurso das qualificações para o da modernização produtiva" e de evitar que os estudantes, como acontece hoje, cumpram "o ensino Secundário e grande parte Superior sem passar uma hora fora da escola", quando o contrário "é muito importante na transição" para o mercado de trabalho.

"Os jovens com qualificações elevadas têm dificuldade em encontrar emprego com remunerações salariais compatíveis, e enfrentam profissões desalinhadas com as suas competências e poucas perspetivas de carreira"

Lino Ferreira
Presidente da Acilis

"Há uma explosão da população estrangeira. 10% dos habitantes do concelho são imigrantes, de 93 nacionalidades"

Gonçalo Lopes
Presidente da Câmara de Leiria

"Se a imigração é de baixas qualificações, acaba por aplacar, colocar para baixo, o nível salarial. Se for qualificada há um efeito de arrasto e de contágio para aumentar os ganhos médios"

Ana Coelho
Programa Pessoas 2030